

Sensibilidade Intercultural no Ensino da Literatura Portuguesa

Cristina ZHOU

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

cristinazhou@gmail.com

Resumo

Com base na nossa experiência empírica luso-chinesa como estudante, investigadora e tradutora de literatura portuguesa, pretendemos caracterizar, neste trabalho, o interesse do público chinês pelos grandes autores lusófonos, apresentando algumas novidades na tradução chinesa das obras pessoanas e camonianas. Avançamos com algumas sugestões para o ensino actual da literatura portuguesa num contexto chinês, realçando a importância da sensibilidade intercultural no processo pedagógico.

Palavras-chave: ensino, literatura portuguesa, público chinês, diálogo intercultural

Abstract

Based on my empirical experience, first in China then in Portugal, as a student, a researcher and a translator of Portuguese literature, I would to present, in this article, some characters of the Chinese public, as well as some novelties in the Chinese translation of Pessoa and Camões. Furthermore, I try to propose some suggestion for the teaching of Portuguese literature in a Chinese context, with special emphasis on the intercultural sensitivity in the pedagogical process.

Keywords: teaching, Portuguese literature, Chinese public, intercultural dialogue

Para poder contribuir um pouco no actual ensino da literatura portuguesa a alunos chineses, creio que será melhor partir da minha própria experiência empírica. Esta minha experiência talvez seja um pouco curiosa, porque de facto, não sou, nem nunca fui, professora de literatura portuguesa. Só posso falar enquanto antiga estudante, actual investigadora, tradutora *free-lancer* e promotora voluntária de literatura portuguesa. De vez em quando, e quase sempre por convite, organizo e dou conferências sobre autores portugueses para o público chinês, que não se limita aos alunos de língua portuguesa, e

nem sempre se confina ao meio académico. Estas conferências “por encomenda” levam-me a procurar e reflectir muito sobre o elemento na literatura portuguesa que é capaz de ser o mais estimulante ou cativante num contexto chinês. Na minha modesta opinião, este elemento talvez seja o potencial da interculturalidade. Ou seja, a possibilidade de encontrar, sobretudo nos grandes autores de língua portuguesa, sendo esta uma língua global, a sabedoria marítima de intermediar e navegar entre diversas civilizações, uma qualidade que parece ser idiossincrática na cultura portuguesa. Irei desenvolver esta ideia; antes, porém, é preciso fazer uma pergunta:

Porque interessa ao público chinês ler e estudar a literatura portuguesa?

Para um público chinês curioso e atento, mesmo sem qualquer conhecimento da língua portuguesa, Fernando Pessoa é certamente o autor português mais conhecido e admirado. Num contexto mais académico, a nossa língua continua a ser referenciada, antes de mais, como a língua de Camões. Eu decidi estudar português precisamente para poder ler Fernando Pessoa. Hoje Pessoa é, sem dúvida, o autor português mais traduzido e um dos escritores estrangeiros mais *en vogue* na China. Lido por um vasto público já desde pelo menos os anos 90, sobretudo através da tradução do *Livro do Desassossego* por Han Shaogong (ele próprio um grande prosador), Pessoa é apreciado na China como “um autor fundamental do modernismo europeu e o tesouro nacional de Portugal”. Não é da minha invenção esta classificação: é o que aparece na capa da edição de *Elegance* do *Livro do Desassossego*, traduzido por mim e pela Prof.^a Patrícia Jin (JIN Xinyi).

Figura 1 – *Livro do Desassossego*, edição de *Elegance*



Trata-se de a primeira tradução português-chinês desta grande obra. Foi lançada em Julho de 2021, em menos de dois anos entrou na terceira impressão: um sucesso significativo do qual muito nos orgulhamos. A nossa tradução tem como a base a edição

de Jerónimo Pizarro, publicada em 2014 pela editora Tinta da China, incluindo a magnífica e extensa apresentação elaborada também por Pizarro. No *podcast* que fizemos em Dezembro de 2022 para promover o livro¹, junto com os escritores e críticos Zhao Song e Yu Shi, fiquei a saber que a nossa versão despertara um particular interesse no meio dos escritores chineses. Tenho vindo a pensar que estamos na altura de potenciar, verdadeiramente, o diálogo entre a literatura portuguesa e a literatura chinesa, através dum estudo comparativo dos autores fundamentais. Voltarei ainda a este ponto. Aqui, interessa-nos ver, no caso de Pessoa, como através das traduções um “tesouro nacional de Portugal”² está a adaptar-se perfeitamente à literatura chinesa. Como muito bem diz David Damrosch, “all works cease to be exclusive products of their original culture once they are translated” (Damrosch 2003: 22).

E o que acontece a Camões, poeta nacional, cuja epopeia foi também já traduzida nos anos 90 para chinês, por Zhang Weimin? Ainda em 2020, foi lançada uma nova edição d’*Os Lusíadas*, pelo mesmo e exímio tradutor. Diferente do caso de Pessoa, o interesse chinês por Camões parece-me ser sobretudo pelo valor histórico e social, não propriamente pelo literário. Dos convites que recebi para falar sobre Camões, um veio do embaixador da China em Portugal, em 2021. O embaixador Zhao Bentang (em cargo desde Fevereiro de 2021), interessado pelas relações entre o culto a Camões, a profundidade d’*Os Lusíadas* e a construção da identidade portuguesa, exigiu a toda a sua equipa uma leitura crítica da epopeia. O outro, mais recente, surgiu na conversa com o director do Departamento de Estudos Religiosos da Universidade de Fudan, em Xangai. Para o Prof. Doutor Li Tiangang, a obra camoniana poderá desvendar um peculiar universalismo da cultura católica portuguesa. Não é de menosprezar, portanto, a tendência chinesa de encarar os grandes escritores de uma determinada língua, como guardiães da sabedoria desta determinada cultura. Tal tendência é remanescente, quiçá, do patriotismo romântico, confiante do poder da literatura em conservar e manter vivo o *Volksgeist*. Mas é também uma posição em sintonia com a longa tradição literária chinesa, muito à base da leitura e interpretação das obras clássicas. E assim vemos, para um público chinês culto, nas obras de Camões e Pessoa encontram-se certamente as mais altas aspirações do povo português. Diz Ortega y Gasset, que “(...) um povo, define-se melhor pelos seus

¹ O *podcast* pode ser ouvido através deste link:

<https://www.xiaoyuzhoufm.com/episode/63aecd5a9acee6cd2f84e1d7>

² Originalmente em chinês: “葡萄牙国宝级诗人”. Esta designação aparece frequentemente na apresentação de Pessoa ao público chinês, conforme se pode ver na capa da nossa edição do *Livro do Desassossego* (2021).

ideais que pela sua realidade” (Gasset 2002:138). Parece-me que a curiosidade chinesa de conhecer um povo estrangeiro também se dirige, simultaneamente, aos ideais e à realidade desse povo. Como podemos ver, o interesse chinês pelos países lusófonos, que tem vindo a aumentar, provocando uma quantidade de “estudos regionais”³, mais virados para as questões económicas e geopolíticas, mas também tem inspirado uma proliferação da tradução dos autores mais notáveis de língua portuguesa. Neste momento, em que a China está a promover activamente os diálogos Intercivilizacionais, não é de subestimar o potencial do ensino da língua e da literatura portuguesa. Aqui devo relembrar que, em chinês, a tradução adequada da palavra “ensino” deve ser “教学” (separadamente, “教” quer dizer ensino e “学” quer dizer aprendizagem), o que já em si implica um diálogo e um entendimento mútuo. Como mencionei anteriormente, nos grandes autores de língua portuguesa, está bem presente o ADN português de ser interlocutor entre diversas culturas. Eis um aspecto que podemos salientar nas nossas aulas de literatura portuguesa a alunos chineses, explorando o nosso legado intelectual partilhado, em honra do contacto directo entre Portugal e a China/Macau há mais de 500 anos. Vou avançar então com a minha sugestão.

Na apresentação de Camões, seria muito interessante começar pela estrofe 77 do Canto V, onde se pode vislumbrar um primeiro contacto luso-chinês: “Pela Arábica língua, que mal falam / E que Fernão Martins mui bem entende, / Dizem que, por naus, que em grandeza igualam / As nossas, o seu mar se corta e fende; / Mas que, lá donde sai o Sol, se abalam / Para onde a costa ao Sul se alarga e estende, / E do Sul para o Sol, terra onde havia / Gente, assi como nós, da cor do dia (...)” (Camões 1998: 162). Podemos falar sobre a mítica presença de Camões em Macau e a lendária “Dinamene”, reflectindo sobre a miscigenação no império marítimo português, sublinhando a cultura macaense. Sugiro uma leitura dos contos e romances de Henrique de Senna Fernandes, “o mais representativo escritor de Macau” (Pereira 2015: 201). Numa leitura mais alargada, podemos introduzir também os alunos na cultura europeia; seria certamente inspirador falar sobre o papel do Amor/Vénus em estabelecer a ligação entre o Homem e o Divino, na cultura renascentista e particularmente no neoplatonismo oriental do ciclo humanista fiorentino. Pela minha experiência, notei que os alunos chineses gostariam de saber mais sobre a junção dos elementos greco-romanos e cristãos na arte renascentista. Seria

³ Originalmente em chinês: “区域国别研究”. Trata-se de um estudo mais dedicado aos aspectos sociais, económicos e políticos de um determinado país ou de uma determinada área geográfica.

interessante discutir com os alunos porque na epopeia camoniana Baco é inimigo, mas Vénus é protectora dos portugueses, e porque, segundo Camões – cristão e humanista – através de Portugal “serão dadas na terra leis melhores” (Camões 1998: 52). Podemos sugerir a leitura do Padre António Vieira, comparando a visão ecumenizante da *Pax Lusitana* com o sonho do V Império de Fernando Pessoa, para que os alunos possam ter uma noção das vicissitudes da visão providencialista do destino de Portugal, abordada pelos mais influentes escritores portugueses em diversas épocas. Seria curioso deixar os alunos chineses procurarem também um poeta/escritor nacional chinês, mas com influência supranacional. Uma comparação interessante seria com o grande poeta Qu Yuan (339 a.C. – 278 a.C.), que, tal como Camões, é símbolo do patriotismo e da limpeza moral incorruptível, e cuja comemoração se junta com a antiquíssima Festa de Duanwu (5º dia do 5º mês segundo o calendário lunar), uma festa que é celebrada também em outros países asiáticos. Uma outra comparação, talvez mais desafiante, é entre Pessoa e Lu Xun⁴, dois maiores vultos da literatura moderna. Uma possível entrada é pela tentativa de cada um destes autores de revitalizar a respectiva civilização, afirmando um cosmopolitismo espiritual. No início do séc. XX, tanto Portugal como a China atravessavam um caminho doloroso para a República, embora separadamente em dois extremos do continente euro-asiático, os dois jovens autores, como poetas-heróis, sob a profunda inspiração de Thomas Carlyle e de Giuseppe Mazzini, coincidiram em lançar influentes ensaios (“Sobre as deflexões culturais”⁵ e “Sobre o poder da poética romântica”⁶ por Lu Xun, “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada” por Pessoa), apresentando a sua visão de um movimento poético e cultural em combinação com o movimento social e civilizacional, procurando guiar o espírito de uma novíssima república para uma maior liberdade.

Sarça ardente. Com uma energia inesgotável, uma grande obra diz sempre algo diferente e novo, a cada um de nós, em cada momento que a lemos. Ao ensinarmos a literatura portuguesa a alunos chineses, certamente iremos encontrar versões de Camões e de Pessoa que são diversíssimas. E quem sabe? Neste processo de mútua aprendizagem, além de dinamizar a comunicação entre as culturas luso-chinesas, é possível injectar novas inspirações à investigação da literatura portuguesa. Dizem que hoje temos que

⁴ Vide, por exemplo, os nossos artigos disponíveis *online*: “Lu Xun: utilidade e viabilidade do seu estudo em Portugal” (2021) e “Lu Xun and the Modernist fascination for the Occult” (2015).

⁵ Título original em chinês: “文化偏至论”.

⁶ Título original em chinês: “摩罗诗力说”.

competir com os short-vídeos para conquistar a atenção dos nossos alunos. Mas vejo também na moda dos *book-toks* na Europa e no florescimento da “indústria criativa”⁷ na China que os jovens continuam a interessar-se pelos livros e pelas culturas. Confio absolutamente no poder da literatura, irei continuar a promover a literatura portuguesa na China e estarei disposta também a aprender com o meu público.

Referências

CAMÕES, Luiz de (1998) *Os Lusíadas*. Porto: Lello & Irmão.

DAMROSCH, David (2003) *What Is World Literature?*. Princeton: Princeton University Press.

GASSET, José Ortega y (2002) *Estudos sobre o Amor*. Lisboa: Relógio d'Água [tradução de Elsa Castro Neves.

PEREIRA, José Carlos Seabra (2015) *O Delta Literário de Macau*. Macau: Instituto Politécnico de Macau.

⁷ Originalmente em chinês: “文创产业” .